

Chegue mais perto e escute as palavras de Alex Dau

Helen Leonarda Abrantes*

“Estava no meio da província, isto é, distante da capital, e era moda daquele tempo que se contasse histórias pelos mais velhos. Antes de dormir, os meus primos e primas mais velhas contavam-nos histórias sobre curandeiros, feiticeiros etc.” São palavras do jovem escritor moçambicano Alex Dau, nome artístico de Paulo Alexandre Dauto da Conceição, que aprendeu a contar histórias com os seus madalas.

Autor de cinco obras literárias, é natural de Quelimane, província da Zambézia, região central do país africano, conhecida como “Pequeno Brasil”, onde acontece o maior e o melhor Carnaval de Moçambique, segundo Camal Meragy, um dos impulsionadores da cultura na cidade. Pela alcunha de Quelimane, sentimo-nos como em um quintal, sentados ou em pé, à volta de uma fogueira, prontos a ouvir, cantar, só faltando dançar, já que os corpos na obra **O galo que não cantou e outras histórias de Moçambique** não o fazem, talvez porque estejam debilitados pela idade e doença, ou violentados e, quando muito, só sabem marchar.

Nos anos 1990, Alex Dau passou a residir em Maputo, onde começa a publicar poemas nas páginas do jornal **Domingo** e na revista **Tempo**. Mais tarde adotou o gênero prosa, com diversos contos publicados nessa revista e, após o fechamento desse periódico, nos jornais **Zambeze** e **Savana**. A partir de suas necessidades e dificuldades enquanto escritor de um país com entraves para dar assistência aos autores mais jovens, criou a sua própria editora, Oleba Editores. Paralelo ao seu trabalho com literatura, o autor ocupa-se da produção de conteúdos audiovisuais, tendo colaborado na realização de filmes documentários em Moçambique. Frequentou o curso de Literatura portuguesa ministrado pela Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane em parceria com a Embaixada de Portugal em Moçambique. Mais tarde cursou literatura Africana promovida pela mesma Universidade.

Seu primeiro livro de contos, **Reclusos do tempo**, teve a primeira edição com 12 narrativas, lançado em 2009 pela Associação dos Escritores de Moçambique (AEMO) e reeditado em 2017 pela Oleba Editores, com 14 contos. Segundo o autor, os motivos para a demanda são vários: no Brasil, foi solicitado a ceder os direitos do conto **Zona quente** para a *Companhia de dança Agnes*, grupo belo-horizontino, que montou um espetáculo homônimo em 2016; na Suécia, um dos contos foi selecionado para fazer parte de uma antologia; além disso, jovens cineastas entraram em contato com o autor pelo interesse em adaptar um dos contos para o cinema.

Heróis de palmo e meio, que versa sobre as atitudes dos meninos de rua, é o segundo livro do escritor, publicado em 2011 (Alcance Editores), e integra 12 contos, na sua maioria já publicados na revista **Tempo** e no suplemento cultural do jornal **Notícias**, com três contos inéditos. **Os meninos, a bola e o macaquinho** (infanto-juvenil, Alcance Editores) e **Habitante do inóspito** (Oleba Editores) ambos foram publicados em 2017. Seu recente trabalho **O galo que não cantou e outras histórias de Moçambique** foi lançado neste ano de 2019 pela editora brasileira Nandyala, de Belo Horizonte. Em se tratando de poesia, participou de uma antologia poética **Entre o sono e o sonho** (2013), editada em Portugal.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutoranda em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-graduação em Letras. Bolsista da CAPES.

O galo que não cantou e outras histórias de Moçambique é uma coletânea composta por seis contos e um glossário para leitores não habituados ao vocabulário moçambicano. Um livro curto, cerca de 31 páginas de texto ficcional, em formato, textura, diagramação, muito bem cuidado, agradável e organizado pela editora Nandyala a fim de atender ao variado público interessado nas literaturas africanas de língua portuguesa.

Com uma escrita leve, Alex Dau explora problemas típicos do cotidiano contemporâneo moçambicano, ora usando o humor, a ironia e a sensibilidade com as personagens. O leitor se surpreenderá, porque, apesar de um livro sucinto, cada narrativa guarda em si o segredo da contação de história e uma inquietação provocada a cada desfecho. Além disso, o escritor nos leva a conhecer outros espaços de Moçambique talvez não comuns ao leitor brasileiro, como Macuse e Namacurra, sem falar em outras localidades fictícias presentes na obra, como Mussuco e Sogolo.

As histórias reunidas desvelam uma terra pós-independência surda, que ainda parece não ouvir o canto de dias melhores, ou meio surda, como o velho Culo em um dos contos, porque escuta com dificuldade os anseios e dores de seu povo: a competitividade da vida moderna que se contrapõe ao ritmo do campo e da tradição de Moçambique, as doenças, a pobreza, a precariedade, a violência no campo e na cidade.

As narrativas, no primeiro momento, parecem quietas, sem devaneios, objetivas, simples. Entretanto, se escolhermos mover o pé de nosso “exíguo quintal”, tal qual o madala Culo em **Prantos ao entardecer** que assim o fez para ouvir os choros em decibéis da vítima abusada por larápios (DAU, 2019, p. 18), escutaremos também a agudeza do pranto de um país que clama por socorro. Junto aos gritos da vítima, havia o silêncio injusto do amparo que tardava a chegar. Nisso observamos que a dor das personagens se alarga em agonia da nação.

O conto **O galo que não cantou**, que abre o livro, é narrado em primeira pessoa por um homem que não despertara no tempo devido porque o galo, habituado a sempre cantar, não cantou. A consequência disso foi chegar atrasado ao evento que culminaria em sua nomeação para um cargo de dirigente na empresa onde trabalhava. Várias metáforas subjazem nesse conto. É possível considerar o galo enquanto elemento do campo e que, como os tempos são outros, esse canto já não suporta as novas demandas de um outro espaço, o urbano, pois este exige outro canto, o da competitividade, da ganância por poder, que, ao final da história, é, ironicamente, representado pelas cordas vocais do vizinho Salvador, sujeito que indicou o primo para o cargo e que seria do narrador-protagonista.

Ainda ressalto o lugar desse conto na organização do livro. Sua posição soa como profecia: a inexistência do canto desencadearia vários infortúnios na terra africana. O galo que não cantou não anunciou a entrada do novo dia tão sonhado após um período de escuridão, assim a mudez acentua tempos sombrios. Por que não cantou? Porque foi parar “num restaurante de luxo”, no “banquete galináceo” (DAU, 2019, p. 11), foi parar no estômago dos barões corruptos que não conseguem moderar a ganância e deixam o povo moçambicano largado às escuras, sem poder ter uma “geleira repleta de diversos gêneros alimentícios” (DAU, 2019, p. 23), como era o sonho de **Tia Amina**, outro conto que se movimenta entre o singelo e o humor.

Se o galo não cantou, bons tempos parecem não vir, e o pai de **Yaga, o marujo**, define-se, não vai à pesca e a “família começava a enfrentar dificuldades de renda para a sua sobrevivência.” (DAU, 2019, p. 13). Todavia, o texto sutil de Alex Dau rasura o cânone agourento, e o jovem Yaga, a esperança da família, resolve enfrentar o mar. Mas naufraga. Porém, novamente, sob uma escrita que contraria a versão trágica da narrativa oficial, o homem Yaga, salvo por uns marujos, ao retornar à sua terra, “indumentava-se com as vestes de marinheiro” (DAU, 2019, p. 16). Em dose dupla, temos outro herói em **Habitante do inóspito**, com uma “voz pujante, um cântico de guerra” (DAU, 2019, p. 26) de Antônio Mambesse, que, após seu desaparecimento, “marchava, agora, de regresso, à sua terra de origem” (DAU, 2019, p. 26). Existem galos que cantam.

Se o galo que não cantou deixou o silêncio, dessa vez, foi em um cenário descrito belicamente. Em **Contra-ataque**, primeiramente publicado na obra **Reclusos do tempo**, com algumas diferenças, o silêncio perturbador vem do inimigo que invadiu o quarto do narrador-personagem. A quietude do adversário deixa o protagonista alerta, nervoso, porque, se esse intruso não for morto em tempo hábil, ele próprio, o narrador, será aniquilado, decorrente da transmissão da malária. Se o leitor não entendeu a relação entre o inimigo e a malária, sugiro cuidado, talvez você seja a próxima vítima.

O galo que não cantou e outras histórias de Moçambique pede um espectador atento, disposto a chegar mais perto das palavras do jovem escritor e ouvir outros cantos de Moçambique que até então se anoiteciam, porque outras profecias podem ser ditas e imaginadas em outro tom, o de Alex Dau.

Referências

DAU, Alex. **Reclusos do Tempo**. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 2009.

DAU, Alex. **Heróis de Palmo e meio**. Maputo: Alcance Editores, 2011.

DAU, Alex. **Os meninos, a bola e o macaquinho**. Maputo: Alcance Editores, 2017.

DAU, Alex. **Habitante do inóspito**. Maputo: Oleba Editores, 2017.

DAU, Alex. **O galo que não cantou e outras histórias de Moçambique**. Belo Horizonte: Nandyala, 2019, 36p.